

21ª SEARA 8

da Canção Gaúcha

8ª SEARINHA DA
CANÇÃO GAÚCHA



25, 26 E 27
de novembro

SEARA DA CANÇÃO 2022
Local: Patronato Santo Antônio
Carazinho/RS
Informações no site seara.rs



349503882378

ASSOCIAÇÃO SEARA DE
ARTE E CULTURA GAÚCHA



Palavra do presidente

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

A Seara da Canção Gaúcha é mais do que um festival.

A Seara é um sentimento que habita o coração dos seareiros e das seareiras, de todos aqueles que tiveram a oportunidade de participar de alguma de suas edições ou de conhecer sua bela história.

Reverenciando esse lindo legado e celebrando nossas origens, desejamos que a 21ª Seara da Canção Gaúcha seja forte e bela, e que estimule em nossa comunidade a sensação de pertencimento pelo festival e pelos valores de nossa terra, de modo que possamos continuar proclamando, com carinho e orgulho, que somos de Carazinho, “a terra da Seara da Canção”.



GUSTAVO ADRIANO WEBER
Presidente da Associação Seara

de Arte e Cultura Gaúcha



**ASSOCIAÇÃO SEARA DE
ARTE E CULTURA GAÚCHA**

A Seara

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

A Seara da Canção Gaúcha é um movimento artístico e cultural que brotou da iniciativa da própria comunidade, pelo empreendimento e pela boa vontade de idealistas, apaixonados pela arte, pela cultura e pela tradição gaúcha, e que deixaram de legado para Carazinho e para o Rio Grande do Sul muito mais do que um evento artístico e cultural, mas um sentimento de pertencimento e uma identificação de orgulho pelo que é nosso.

Por sua relevância, tornou-se evento oficial e bem imaterial integrante do patrimônio histórico e cultural do município de Carazinho.

Mais de quatro décadas se passaram desde que a primeira edição da Seara da Canção Gaúcha foi realizada. Desde

então, pelo trabalho abnegado de valorosas pessoas, vinte edições aconteceram, e a Seara se tornou um dos maiores e mais expressivos eventos de música tradicional do estado do Rio Grande do Sul.

Agora, com apoio da administração pública municipal e o engajamento da comunidade, a Associação Seara de Arte e Cultura Gaúcha reassume a organização do evento, contando com alguns de seus originais fundadores e agregando jovens lideranças culturais de nossa comunidade.

A Seara é um orgulho do povo de Carazinho, e sua retomada agrega um elevado valor de autoestima para a comunidade carazinhense.

Programação

21ª SEARA DA CANÇÃO E 8ª SEARINHA DA CANÇÃO

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Entrada Gratuita

 Patronato Santo Antônio

25 de novembro (sexta-feira)

20h – Abertura da 21ª Seara da Canção Gaúcha

20:30h – Festival (cinco músicas da categoria local e dez músicas da categoria geral)

23:30h – Apresentação artística (Jorge Guedes e Família)

26 de novembro (sábado)

15h – Mateada da Seara

19h – Apresentação artística (Jeferson Oliveira)

19:30h – Apresentação artística (Orquestra de Violões Santa Rosa)

20:30h – Festival (cinco músicas da categoria local e dez músicas da categoria geral)

23:30h – Apresentação artística (César Oliveira e Rogério Mello)

27 de novembro (domingo)

12h – Costelão da Seara

15h – Apresentação artística (Oficina de Violão "Servos da Caridade")

15:10h – 8ª Searinha (quatro músicas da categoria "Piazito" e cinco músicas da categoria "Piá")

16:30h – Apresentação artística (Luiza Barbosa)

18h – Premiação da Searinha

19h – Final da 21ª Seara da Canção Gaúcha (cinco músicas da categoria local e dez músicas da categoria geral)

22h – Apresentação artística (Joca Martins)

23h – Premiação da Seara

21ª SEARA

da Canção Gaúcha.



Comissão Avaliadora

ADILSON LEONHARDT FRANCK



Cantor, compositor e diretor do Colégio Rui Barbosa, de Carazinho-RS. Começou a vida musical cantando em festivais e aos 11 anos foi contratado pela TV Record junto ao Programa de Raul Gil e Wilson Simonal. Vocalizou CD's de seu tio Tio Rui Biriva e teve o privilégio de tocar Santa Helena da Serra com Rui e Daniel Torres na Seara das Searas. A música é um clássico do festival. Atualmente, acompanha musicalmente seu filho Pedro Rohde Franck, vencedor da última Searinha da Canção.

21ª SEARA

da Canção Gaúcha



Comissão Avaliadora

DELCI TABORDA



Músico, compositor e arranjador atuante desde a década de 1970. Participante e vencedor de inúmeros festivais com premiações individuais e em grupo. Premiado em duas Linhas na 1ª Seara da Canção Gaúcha, sendo o grande vencedor da 1ª edição com a obra "O Vaqueano". Possui quatro discos gravados. Atualmente trabalha em shows, eventos e produção musical.

EDILBERTO BÉRGAMO



Músico, compositor, arranjador, produtor musical e cantor. Nome consagrado nos principais festivais nativistas, tendo conquistado várias premiações como arranjador, compositor e intérprete. Com sua cordeona, acompanhou muitos cantores reconhecidos e lançou vários trabalhos como instrumentista. Já se apresentou no Uruguai, Argentina, Paraguai e, em turnê pela Europa com o Grupo Os Chimangos, participou de espetáculos na Hungria, França, Romênia, Eslováquia e Suíça.

21ª SEARA

da Canção Gaúcha



Comissão Avaliadora

JUAN DANIEL ISERNHAGEN



Compositor, escritor, empresário e radialista. Atua também como organizador de festivais nativistas, acampamentos farroupilhas e eventos culturais. Já participou de mais de 70 festivais nativistas, com várias premiações. Possui composições gravadas por grandes nomes do nativismo. Também é autor de obras literárias e integra a Academia de Letras de Balneário Camboriú-SC, ocupando a Cadeira do Patrono Castro Alves.

NENITO SARTURI



Possui mais de 40 anos de trajetória artística, com um DVD e 15 discos lançados. Conta com mais de 1 mil composições gravadas, como compositor e/ou intérprete, incluindo grandes clássicos da música gaúcha, como "Um Pito". É radialista profissional há 38 anos e vencedor do Troféu Teixeira de Melo como Melhor Compositor em 2015. Participa da Seara da Canção desde as primeiras edições como intérprete, compositor e já fez parte de comissões julgadoras.

Chote SEM CARIMBO

Letra: Jeferson Monteiro

Melodia: Jeferson Monteiro

Intérprete: Henrique Fernandes

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Conheço tudo os pesqueiro, "argum" há de "funcioná"

Três tipo de lambari, pros graúdo se "atracá"

Caso o anzol não funcione, as rede vou "esticá"

E só "vorto" de manhã, na hora de "revistá"

Emalei os apetrecho, pus as vara na canoa

Os colete "sarva-vida" e avisei minha patroa

Saio cedo, volto tarde não me espere pra "jantá"

Botei as isca n'um potinho e a minhoca eu vou "mojá"

Convidei o meu compadre, o Tunico e o João

Eles tão levando a gaita, o pandeiro e o violão

Tem que ter um entretenimento até os peixe "beliscá"

Um chotezito dos bueno e uma canha pra "golpeá"

Não te preocupa percanta, por la "nóis" não vai "dançá"

"Semo" tudo de familia, não precisa "desconfiá",

Vamo tira uns retrato dos peixinho que "pegá",

Sem carimbo e já limpinho, prontinho pra "nóis fritá"

Na "vorta" tem o bolicho do compadre Baltazar

As atendente mimosa, jeito manso pra falar

Vamo até "leva" uns doce, pras criança se

"agradá"

Toma essa aqui de vinte, pra "ajuda" o dono do bar

Se as lida forem fraca, "nóis vortamo" outro dia

Sem "mardade", quase santo, busca bóia pra familia

Por incrível que pareça, os meus dois barrigudinho

Comem peixe que nem pão, nem se "alembram" dos espinho

As "muié" que nem quatiara, começaram "resmungá"

Fofuquiando que os marido tão querendo "aprontá"

Elas não sabem de nada, é só pra "desestressá"

Pra contar umas mentira e até uns paiero "fumá"...

Os carimbo do governo só servem pra "tributá"

Nos pesqueiro é Deus quem manda Pra que vamo "carimbá"?

Henrique Fernandes - Intérprete
Jeferson Monteiro - Violão/vocal
William Andrade - Violão/vocal
Gustavo Zart - Gaita botoneira
Mateus Silva - Baixo
Wilyan Anhaya - Pandeiro

Oferecimento

DRB

Chamamê PRA MATEAR SONHOS

Letra: César Ferretti

Melodia: César Ferretti

Intérprete: César Ferretti e Grupo Chimarrão

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

O tempo passou depressa e eu
nem vi o tempo passar
Pudera que ainda tivesse um
tempo novo pra semear
As luas que vão passando
demarcam vidas e previsões
De anseios que a vida atropela e
os sonhos que o tempo
Deixou pra trás

A vida deste gaudério que passa
os dias a camperear
Rumos e destinos de um tempo
novo e o tempo velho ficou pra
trás
Só restam causos, poesias e
uma nova vida que Deus me deu
Seguir agora este caminho que o
destino me escolheu

Na casa velha da estância dos
arreios e baixeiros
Do Galpão velho campeiro que
passou tantos janeiros
Meu pingo tordilho negro que
sempre foi meu amigo
Saudades que hoje encilho pra
matear sonhos de novo

A vida deste Gaudério que passa
os dias camperear
Rumos e destinos de um tempo
novo e o tempo velho ficou pra
trás
Só restam causos, poesias e
uma nova que Deus me deu
Seguir agora este caminho que o
destino me escolheu.

César Ferretti - intérprete
Zéu Ferretti - Vocal e violão
Eleandro Barbosa - Acordeon
Willian Roos - Bateria
Daniel Santos Souza - Contrabaixo
Wanderson Lima - Violão solo

Oferecimento

 **SICOOB**
Creditaipu

Vancira MEDICINA CAMPEIRA

Letra: Alexandre Marek

Melodia: Anderson Marek e Andre Marek

Intérprete: Alexandre Marek

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Um aprendeu com a avó, outro na escola da vida,
a cademeta puida é herança de gerações.
Já diz o velho ditado, que de médico e de louco,
cada um carrega um pouco, mantendo as tradições.

Toma um chá de carqueja pra curar dor de barriga,
pra expulsar a lombriga, cebola com estragão.
Pra reumatismo no lombo faz chá de alecrim,
se o problema é no rim, toma confrei com gervão.

Ataca o diabetes com chá de pata de vaca,
e pra curar a ressaca, chá de louro de manhã.
Controla o colesterol com um bom dente de leão,
e contra inflamação, chá de casca de romã.

**Na medicina campeira todo mundo é doutor,
e reconhece o valor do que a natureza nos dá.
É de vereda que cura, não importa o tipo da dor,
é só ter fé no Doutor que o campo vai te curar.**

Se um berne teima em sair, e está travado em emborco,
põe um toucinho de porco e veda a respiração.
Se a gripe véia apertar, e nem com guaco melhora,
é que já chegou a hora de usar mel e agrião.

Pra aquele tombo do baio, amica em canha pura,
não vá beber a mistura, fomenta com nó de pinho.
Põe graxa de capivara com óleo de mocotó,
protege tudo do pó com folhas de azevinho.

**Na medicina campeira todo mundo é doutor,
e reconhece o valor do que a natureza nos dá.
É de vereda que cura, não importa o tipo da dor,
é só ter fé no Doutor que o campo vai te curar.**

Alexandre Marek - intérprete
Anderson Marek - acordeão/vocal
André Marek - contrabaixo/vocal
Emani de Souza - violão base
Augusto Baschera - violão solo
Marcelo Bolha - bateria

Oferecimento
Lincal

Calçados, confecções e acessórios

Zamba CAVALGADA

Letra: Odilo Gomes (*in memoriam*)

Melodia: Mauricio Silveira

Intérprete: Rodrigo Xavier

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Encilhei uma noite gaúcha
e rumei pros campos do sem fim
Rédeas soltas na noite a dentro
e a querência bem longe de
mim.

Noturnas estâncias celestes
fui assim então percorre-las,
sempre mais longe da Terra
e mais perto das estrelas.

Sei na volta pro meu rancho
Liberdade é a gente que faz.
E a Vida terá mais Vida
Num mundo cheio de paz.

Meu flete escarceava feliz,
levava o luar nas ancas.
nas nuvens eu avistava
rebanhos de reses brancas.

Do meu sentimento gaúcho
Desatei atavismos campeiros,
então na luz das estrelas
via o brilho dos luzeiros.

Rodrigo Xavier - intérprete
Jonas Gloeckner Pereira - violão base/vocal
Guilherme Sjlender - flauta transversal
Christian Albenello - contrabaixo
Lucas Ferreira - acordeon
Maykell Paiva - violão solo
Rodrigo Morales - violão solo
Tiago Bloude - percussão

Oferecimento

FIAT | marina

Vancieira DE ANTIGAMENTE

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Letra: Jeferson Monteiro
Melodia: Jeferson Monteiro
Intérprete: Jeferson Monteiro

Vou contar de um tempo antigo
Das bailantas de galpão,
Do cantar "agritaiado"
Do Maneco no violão.

Terreiro de chão batido
De se racha os garrão,
Criando bicho de pé
Bem na ponta dos dedão.

Naquele porongo véio
Onde a curruira faz ninho
Tem morcego disfarçado
Vestido de passarinho.

N'um bate-bate de coxa
A tia Maria gritou:
- Juvêncio olha pra cima,
Um rato me abanou!

"Carculando" assim por baixo
Dava "quaje" um kilo e meio,
Um palmo e meio de rabo
E dois dentinho bem feio.

De pronto o bolcheiro
Disse esse deixa pra mim
E pregou-lhe um bodocaço
Ratinho esse é teu fim.
Entre mortos e feridos
O baile seguiu faceiro,
A galta roncava frouxa
Num tranco bem galponeiro.

Um cheiro invadiu a sala,
Zorrilho estava por perto.
Mentira! Era o Bastião
Dançando de braço aberto.

A lua foi se sumindo
Pelos furaco do zinco,
As prata ficaram curta,
Nas conta não dava cinco.

Falando nos meus "zuvido"

Chegou então uma gringa,
- Vou te fazer ver estrela
Se me pagar umas pinga.

Bocuda dos beijo roxo,
Bem pintadinha de sarda,
Quería levar comigo,
Mas era filha do guarda.

Então me fez a proposta:
- Me deixa que eu vou na frente,
Peço a benção pro papai,
Digo tô com dor de dente!

Eu me larguei em seguida
O véio já desconfiou.
Me pegou pelo pescoço
E quase me arrematou.

Então me fingi de morto
Pra conseguir escapar.
A zaina tava aprumada
Prontita pra eu montar.

Boleei a gringa nas anca
E larguei pra minha tapera,
Amanheci enredado
Em meio ao perfume dela.

Assim vou me despedindo
Depois de contar os fato,
Duvido baile gaúcho
Que tenha o mesmo relato!

Jeferson Monteiro - Intérprete
Henrique Fernandes - Violão e vocal
William Andrade - Violão solo
Gustavo Zart - Galta Botoneira
Christian Albarillo - Baixo
Tiago Bicudo - Pandeiro

Oferecimento

USE
MÚSICA ESCOLAR

Rasguido-Doble PERFIL DE GESTA E DE PATRIA

Letra: Diego Müller e Antônio Caminha
Melodia: Raineri Spohr
Intérprete: Raineri Spohr

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Por um sangue de família, que corre em veios iguais,
Sou ascendência de raça: trilhando dos meus ancestrais!...
– Meu rastro brota em poesia e ante o minuano se esvai...
...Mas não se "olvida" nos tempos, por sustentar ideais!

Do mais antigo, que tenho – que é meu, de ventos de outrora –
Trago marcas no semblante, cacótes no atar a espora!...
– O que veio antes na estrada, meu próprio braço inda escora...
...E o que for juízo alheio, só por "charla", não vigora!!!

**MEU CANTO NASCE DE TERRA...
E SE FOI TALHADO ASSIM:
"YO VOY IGUAL QUE MI PADRE" ...
...E MEU FILHO, IGUAL A MIM!!!**

Quem mira "lejos" estranha, a crença da descendência:
O que toca fundo n'alma, no broto da própria essência!...
– Antes das melenas brancas há dor e reminiscência...
...Mas quem segue a sua origem cultiva a própria querência!

Se um dia tombar a casca, fica o corno e "sus adentros"...
Estronca firmando o "alambre", alma rija pro sustento!...

– Pois quem honra a procedência, cinchando, não "fróxa" um tento...
...Onde sou guardião de pátria, desde que li o testamento!!!

**PERFIL DE GESTA E DE PÁTRIA...
QUE EU APRENDI, BEM ASSIM:
EU SOU O ESPELHO DO CAMPO...
...E ELE UM RETRATO DE MIM!!!**

Raineri Spohr - Intérprete
Marcello Caminha Filho - Baixo
Matheus Alves - Violão solo
Thiago Quadros - Cordeona Botoneira
Erlon Pericles - Violão base

Oferecimento
Santa Madre
cervejaria 10 ANOS

Milonga DE UM TEMPO ANTIGO

Letra: Anomar Danubio Vieira

Melodia: Marcello Caminha

Intérprete: Emerson Ferreira

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

La vem a trote o Setembro
Cujos nome é Setembrino,
Que é "ermão" do Novembro
Cujos apelido é Novembro,
Gaúchos que ainda me lembro
Campeiros por excelência,
Irmãos de Pátria e querência,
Sangue, alma e sentimento.

Negros da doma e do laço
Legendas da minha terra,
Soldados prontos pra guerra
Deste Rio Grande "machazo",
Que carregavam no aço
Do par de esporas turunas
A esperança e a fortuna
De viver dos próprios braços.

**Irmãos de crença e coragem
De xucra sabedoria,
Vaqueanos das sesmarias
Centauros desta fronteira,
Paridos na cabeceira
Do velho "Upamaroty",
Viveram e morreram ali
Por contramestre e tronqueira.**

La vem a trote o Novembro
Cujos nome é Novembrino,
Que é irmão do Setembrino
Cujos apelido é Setembro,
Raça gaúcha de um tempo
Que se extraviou pela história,
Mas que não sai da memória
Rondando meus pensamentos.

No interior do município
Dos campos de Livramento,
Onde o pampa é um monumento
E um território bendito,
Divisa com Dom Pedrito
- Forjado pelas contendas -,
Que batizaram "Três Vendas",
Fim do segundo distrito.

- Que época era aquela...!!!-
De indiada valente e crua,
Que agarrava touro a unha
E potro "selvage" com os "dente",
Quem viveu no antigamente
E conheceu esses índios
Sustenta esse tempo lindo
E empurra o pago pra frente.

Emerson Ferreira - intérprete
Leonardo Quadros - intérprete/violão base
Everton Trindade - gaita botomeira
Marcello Caminha Filho - contrabaixo
Matheus Krummenauer - violão solo

Oferecimento

**ODACIR DA CRUZ
TRADICIONALISTA**

Chamarra O MEU CAMARADA

Letra: Marco Antonio Nunes

Melodia: Halber Lopes

Intérprete: Matheus Pimentel Nunes

21 ANIVERSÁRIO
da Canção Brasileira

Tenho um mango ajeitado
Que vai comigo onde "vo",
Estimado por demais
Foi feitiço do meu avô,
É um recurso num aperto
Parceiro das m'eas jornadas,
Um as de espada na lida
Que apelidei: camarada.

A tala é de respeito
É de "abisma" a fortidão,
O cabo é bem mais ou "meno"
É "cosa de enche" uma mão,
Retovado no capricho
Bueno pra "passa" um sermão,
É mango de "aparta" touro
E de "escora" adaga e facão.

**NÃO CHEGA SER UM
PROBLEMA
SE LEVANTO O CAMARADA,
PRA QUEM OLHA BEM DE
LONGE
MAS BOTA VISTA AJEITADA,
O PROBLEMA ENTÃO
COMEÇA
QUANDO O CAMARADA
"BAXA,"
UM LAÇAÇO DESTE "LOCO"
NÃO É MUMU COM BOLACHA.**

Marido metido a macho
De forte temperamento,
O camarada é um remédio
Acalma o mau elemento,
Pra meliante e gatuno
Cheio de empáfia e balaca,
Pode também ser usado
Em ladrão de "oveia" e de vaca.

Sou avesso a malvadeza
E a favor de um bom conselho,
Mas ando louco de vontade
Pra meter o meu bedelho,
Numa certa capital
Onde tudo tá sujeito,
"baxando" o meu camarada
Botanto ordem e respeito.

Matheus Pimentel Nunes - intérprete
Zulimar Benitez - violão
Donathan Farias - violão/vocal
Xuxu Nunes - violão/vocal
Jairas Nadal - gaita botoneira
Márcio Correia - gaita botoneira/vocal

Oferecimento

Plantagro

A fonte dos Biológicos

Milonga

SONHO, SE NÃO TROPEIO!

Letra: Diego Guterres

Melodia: Diego Guterres

Intérprete: Índio Ribeiro

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Umbral da noite...vou tropeando as
estrelas:
bois e vaquitas pra o meu sonho
reponar...
Monto a Guitarra, égua de cordas e de
asas
com "lunarejos" de crescente no escarcear.

Sinuelo bueno, a Boieira, vaca pampa,
aspa em caracas, tranco manso de
horizonte.
Sabe a valia do seu rastro noite adentro,
é guia certa pras estrelas em reponte.

As Três-Marias, três tambeiras ruminando,
sempre alinhadas, cismam cochos e
cercados.
São tão pequenas destorcidas na distância,
mas tão gigantes pelo apoio enluarado.

"Éra Cruzeiro!" São três juntas de astros
mansos
que carreteiam "sur-camino a los
gaudérios".
Vêem-se apenas os franqueiros, brilho
baio,
pois o boi preto se mascara em breu
mistério.

... Nas rondas longas das tropeadas na
querência
as estreletas lá do céu me acompanhavam.
Eu, volta e meia, desatava um assovio
quanto mais lindo, tanto mais elas
brilhavam!

Hoje, outro tempo, noutras lidas, noutros
rumos,
relembro as tropas, tranqueando felicidade,
monto a guitarra, égua de cordas e de
asas,

repono estrelas pelo céu de uma
saude...

Retorna à boca aquele mesmo assovio,
certas estrelas lembram reses do rodeio,
a emoção belisca primas e bordões,
estalo o relho e sonho, se não tropeio! ...

* - Pega, Coleira! Olha o mato Chimarrão!
que uma cadente refugou no universo.
É a D'alva-estrela, vaca mansa de Don
Jayme,
vai na culatra poeirenta do meu verso.

* - Upa! Guitarra! Opa! Opa! Tropa-estrela*.
Umbral da noite - corredor, pedra e
capoeira.
Vivo a rondar o berro claro das luzitas,
fomento pampa do meu sonho de tropeiro.

Índio Ribeiro - intérprete
Gustavo Otesbelgue - violão
Fabrício Torres - acordeon
Diego Guterres - recitado

Oferecimento



willis

SISTEMAS DE AR CONDICIONADO CORPORATIVO

Milonga Corralera
ESTIRPE ANTIGA

Letra: Lauro Cavalheiro Alves

Melodia: Zulmar Banitez

Intérprete: Vinicius Ribeiro

21ª **SEARA** 
de Canções Gaúchas

Pra quem mira, não calcula
Por onde já tenho andado
Estirpe pura do pampa
Estampando o passado

Quando apeio sou sereno
Ágil, quando enforquilhado
Cor de cuia é minha pele
Pela lida em campo aberto
E pelo sangue cruzado

Tenho a alma enmalada
Num corpo que deus me deu
E milongas falquejadas
Nesses versos que são meus

Quando lido num alambrado
Alinho trastes de angico
Atilho, bordões e primas
Pra musicar meu ofício

Se encilho meu cavalo
Me sinto perto de deus
Contemplo as coisas que amo
Pois seus olhos, são os meus

E se me olho por dentro
Revive em mim o desejo
De renascer um gaúcho
Buenacho, simples, sem luxo
Pois, é o pago que eu vejo.

Vinicius Ribeiro - intérprete
André Gonçalves - violão
Márcio Costa - violão/vocal
Mayrell Paiva - violão
Rodrigo Rodrigues - violão/vocal
Joni André - baixo/vocal

Oferecimento

 **Degalmóveis**

011 2347

Milonga

ESSA ESTRADA LONGA DE CANTAR MILONGAS

Letra: Érlon Péricles

Melodia: Érlon Péricles

Intérprete: Pírisca Grecco

21 ANIVERSÁRIO
da Canção Gaúcha

**Quando eu fico triste canto uma milonga
Quando eu fico alegre eu canto também,
Milonguita minha que me abraça forte
Sujeitando um verso sempre que convém!**

Me legou a sorte te fazer costado
É no mate amargo, é na solidão...
Conversando longe, milongueando mágoas,
Junto ao pé do fogo batendo tição.

Milonga xirua, paisana uruguaia,
Num truço de mano me cantando "flor" ...
Se achegando mansa pela madrugada
Adoçando a boca desse cantador!

Meu sal da palavra, um porto seguro,
Milonga que vaga, sem norte e sem rumo...
Te tenho por perto, para ouvir verdades
Pra matar saudades, pra jujar o fumo...

Sentimento terno de cantar milongas,
Coração pulsando nesse tum, tum, tum...
Já descompassado, de destino incerto,
Sei que em tuas teias eu sou só mais um!

Nosso tempo é hoje, nossa vida é buena,
E o tempo serena nossas inquietudes...
Nessa estrada longa de cantar milongas
Vou me acomodando nos caminhos rudes.

Pírisca Grecco - intérprete
Érlon Péricles - violão/vocal
Tiago Quadros - gaita/vocal
Matheus Alves - baixo/vocal

Oferecimento

lojas
andrioli

Rasquido Double
**NESSAS HORAS
GALPONEIRAS**

Letra: Getúlio Santana

Melodia: Nirion Machado

Intérprete: Adair de Freitas e Robledo Martins

21ª **SEFARA** 8
da Canção Gaúcha

Bem mais que fogo e cambona
Na filosofia dos tempos...
Bem mais que cordas trançadas
No interior desse templo
A luz que um candeeiro estende
Nas prosas que dão exemplos
Assim o galpão regente
Impera sonhos na gente
No esteio do ensinamento.

Nas horas dos madrugueiros
Das orações pela lida...
Nos Trafugueiros que dormem
Nas ermas noites compridas
Na reconquista das calmas
Pelas saudosas partidas
Que - a alma bateu tição -
E o livro do meu galpão
Ensina o que quer pra vida.

**Talvez o sábio do mate
Que habita o galpão das
brasas
Ensina ao filho que fica...
E aquele que "bate asas"
Quem aprendeu, ser galpão
Jamais perderá a razão
Na "faculdade" das casas.**

Nas nostalgias de um inverno
Quando o ressábio se apeia...
O galpão de "voz silente"
Sabe o bagual que coiceia,
Sabe que o velho pensa
Na santa paz que mateia
E entre fumaça e doutrina
É que o galpão mais ensina
Que pouco vale as peleias.

Só quem se fez galponeiro
Tempo a tempo, rancho santo...
Sabe o valor da cartilha
E o que - pretende esse canto -
Os picumãs são rascunhos
E os fundamentos são tantos
Pra bem dizer as façanhas,
É um galpão de campanha
Que forja os homens de campo.

Adair de Freitas - intérprete
Robledo Martins - intérprete
Juliano Moreno - violão/vocal
Paulinho Goularte - acordeão
Nirion Machado - violão
Jhoratan Machado - baixo

Oferecimento



Servitec INC. 2.437
CONTABILIDADE

Chamamê TRÊS FLETES

Letra: Jaime Brum Carlos

Melodia: Evandro Zamberlan

Intérprete: Raineri Spohr, Márcio Correia e Joni André

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Quando Deus me trouxe ao mundo
Me regalou três parceiros
Pra rumbear junto comigo
Ao longo dos meus janeiros
Me levando tempo a fora
No meu destino campeiro.

São três fletes da minha marca
Crioulos de sangue puro:
O passado e o presente
E o terceiro é o futuro
Parceiros de cada sonho
Que pela vida eu procuro.

Dois deles eu já domei
E tirei pros meus arreios
O terceiro é potro arisco
Que não conhece costeiro
Cada qual tem o seu tempo
Pra "arrociná" e "botá" freio.

**REDOMONIEI O PASSADO
COM CALMA E MUITA
PACIÊNCIA
PRA GALOPEAR O PRESENTE
PELOS CAMPOS DA QUERÊNCIA
HEI DE ENCILHAR O FUTURO
ESTRIVADO NA EXPERIÊNCIA.**

O passado é um colorado
Que amanunciei desde a infância
E com ele me fiz homem
Cruzando largas distâncias

Depois soltei pra ser livre
Nos campos verdes da estância.

Presente é um tordilho negro
Pingo de toda a confiança
Monarca e macio de tranço
Que a rédea é uma balança
Manso de saltar d'em pelo
Até do andar das crianças.

O futuro é um baio ruano
Arisco e solto de patas
Que escaramuça faceiro
Luzindo as crinas de prata
Num contraponto às auroras
Que espiam por trás das matas.

Raineri Spohr - intérprete/violo
Márcio Correia - intérprete/violo
Joni André - intérprete/baixo
Itamar Filho - acordeon/vocal
Sabani Felipe de Souza - violão/vocal
Evandro Zamberlan - violão/vocal

Oferecimento

**BOM
ATENDIMENTO**
METALÚRGICA

Chamarrita QUEM SABE NUM TEMPO NOVO

Letra: Giovani Gonzales

Melodia: Alex Har

Intérprete: Alex Har

21 ANIVERSÁRIO
da Canção Gaúcha

Rebentou perto da argola
O buçal de couro chato
Que a santa mão do mulato
Benzeu bem tento por tento
Pra andar cruzando a estrada
"Copliando" o rumo da eguada
Na tarca antiga do tempo.

Rebentou perto da argola
Mas não foi duma sentada
Sim do peso da jornada
Sustentando bronze e aço
Nos tantos rumos da linha
Cincerro e égua madrinha
-Melodia- um só compasso.

Rebentou gasto do tempo
No tempo foi o mulato
E o buçal de couro chato
Onde o cincerro cantou
Sonorizando distâncias
Silenciou amargas ânsias
No couro que se entregou

Quem sabe num tempo novo
Um guri de alma antiga
Queira ouvir essa cantiga
Que não se ouve na estrada
E com tentos de outros tempos
Queira andar cortando ventos
Com cincerro e égua entablada.

Renascerá o mulato
E o cincerro cantador
Que o guri em seu primor
Ajeitou tento por tento
Para ser rumo e partida
E entender que a vida
deixa seus ensinamentos.

Rebentou junto da argola
E o cincerro se calou
Com cismas de tempo novo
Coplas de bronze cantou
Pela estrada ganhou vida
Junto ao guri de alma antiga
Que até o tempo entablou.

Alex Har - intérprete
Fabiano Torres - gaita botoneira
Higor Extremera - violão aço
Leonardo Quadros - violão base
Marcelo Holmes - contrabaixo
Marcelinho Freitas - percussão

Oferecimento



uma família a serviço da comunidade.

Chamamé

O HINO DO CHAMAMÉ

Letra: Luizinho Corrêa

Melodia: Luizinho Corrêa

Intérprete: Ângelo Franco e Lincon Ramos

21 ANOS
da Canção Gaúcha

Quando eu ouço um chamamé
A alma se vem pro couro
E as notas com som de choro
Me fazem chorar também,
É um choro que me faz bem,
Coisa mais linda não "hay"
E eu atraco um sapucay
Que ecoa no itaroquém...

**Eu creio que o chamamé
É muito além do que vemos,
Da sua fonte bebemos
Mas a sede nunca passa,
É como a melhor cachaça
Que embriaga e nos vicia
E que gera uma alegria
Dessas que ninguém disfarça...**

Os amigos da fronteira
E os parceiros dobre chapa,
Que espalham por todo mapa
As manhas do chamamé,
Também cito os missioneiros
Mestres do chão colorado,
Que transitam dos dois lados
São borja e santo tomé...

**Eu creio que o chamamé
É muito além do que vemos,
Da sua fonte bebemos
Mas a sede nunca passa,
É como a melhor cachaça
Que embriaga e nos vicia
E que gera uma alegria
Dessas que ninguém disfarça...**

Não posso esquecer jamais,
Gaiteiros do mato grosso,
Que, de lenço no pescoço
E a cordeona junto ao peito,
Executam com respeito
Notas lindas pantaneiras,
Unindo nossas bandeiras
Hasteadas com amor e fé,
'por favor!!!!' todos em pé
E após o toque do sino...
Cantemos todos o hino
O hino do chamamé.

Ângelo Franco - intérprete
Lincon Ramos - intérprete
Evenson Maré - violão
Luizinho Corrêa - acordeon
Rodrigo Maia - contrabaixo



Oferecimento



CENTRO DE
ACORDEON

Chamarra
**EM NOSSO CANTO
NOVAS SEARAS**

Letra: Zéu Ferreti
Melodia: Zéu Ferreti
Intérprete: Zéu Ferreti

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Cultivo a terra, semeio o campo
Do suor ao pranto, outra jornada
Cultivo a terra, semeio o campo
Em nosso canto, novas searas

Vou semeando na lavoura nua,
esperanças que também são tuas,
O solo fértil, a terra crua vou
cultivando no clarão da lua
Nova seara de paz e fartura, o
pão na mesa e a ideia madura

**Plantar, semente
Colher, nossa gente!
Cultivo a terra, semeio o
campo do suor ao pranto,
outra jornada cultivo a terra,
semeio o campo em nosso
canto, novas searas**

Plantando sonhos na terra ainda
aberta,
Germina a planta e a fé desperta
Com novos frutos, em noites
claras vão florescendo outras
searas

E a voz do campo ainda mais
forte canta,
Quem precisa, colhe o que
planta

**Plantar, semente
Colher, nossa gente!
Cultivo a terra, semeio o
campo do suor ao pranto,
outra jornada cultivo a terra,
semeio o campo em nosso
canto, novas searas.**

Zéu Ferreti - intérprete
Cézar Ferreti - violão/vocal
Eliandro Barbosa - acordeon
Willian Roos - bateria
Daniel Santos Souza - contrabaixo
Wanderson Lima - violão solo
Rodrigo Morales - violão

Oferecimento

DON JUAN
BODA HONER

Milonga DOS MEUS CAVALOS

Letra: Darci Vieira

Melodia: Alison Machado

Intérprete: Adriano Posai

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Quando piá eu encilhava
Um lobunaço roliço
entre cavalo e petiço
que batizei Pirilampo.
São recuerdos que destampo
da velha lida passada
onde a vida é diplomada
na faculdade do campo.

Um ruano fanfarrão
Um pingaço de estouro
Encilhava pra o namoro
Por confiança e respeito
Anca larga sem defeito
Aprumadito pra um 'upa'
Pra carregar na garupa
A prenda amada do peito.

Laço bueno a bate cola
Cacho atado a canta galo,
Vem do alto este regalo
Esta honra e esta glória
De escrever a própria história
Nas patas dos meus cavalo.

Pros dias de carreiradas
Para um grito sem reserva,
Todo gaúcho conserva
Um flete solto das patas.
Carreira que a gente ata

Tendo confiança no pingo
Forra a guaiaca aos domingos
Com pelegama de plata.

Um crioulo puro sangue
Que dá gosto de olhar
Arrocinei pra laçar
Nas festas da Vacaria.
O apelidei Ventania
Por correr frouxo e pachola
Sem pagar vale ao Charola,
Indubrasil, Guzerá, Zebu e
Nelore fuá
Que salta rosqueando a cola.

Adriano Posai - intérprete
Alison Machado - violão sete cordas
Arthur Maracini Costa de Almeida - violão solo
Guilherme Slander - violão/vocal
Marcelo Augusto de Oliveira - gaita botoneira
Maurício Graziotin Velho - recitado
Nelson Siqueira - cajon
Victor Perini - contrabaixo

Oferecimento

BRASOPTICA

Milonga SERENATA

Letra: Décio Fernando Neuls
Melodia: Décio Fernando Neuls
Intérprete: Natalício Cavalheiro

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Trago o peito enamorado
Daquela noite povoeira
Quando à vi em vez primeira
A balançar os teus cachos
E quis tela em meus braços
Para amar-te a vida inteira

A noite findou depressa
Na ansiedade de lhe falar
Na despedida um olhar
Inspirou meus devaneios
Na solidão dos meus arreios
A dura pena por te amar

**Que feitiço tu carrega
Em teu jeito de criança
No sorriso que me alcança
Pra roubar meu pensamento
E encilhar um sentimento
Em quem viveu de andanças**

“Andejei pelos meu dias
Sem rumo, sem sentido
Nas rimas busquei abrigo
Na minha alma a razão
Pra envidar esta paixão
E buscar este amor perdido
Então,
Corri os bolichos e povoados
Pedindo por você, minha flor

Deixei, assim, de ser domador
Fiz da minha vida um tropel
Trilhei o caminho de cantador.”

Troquei rédeas pelo pinho
As auroras pelo luar
Do lombinho um guitarrear
Do lenço branco um maragato
O coração me fez farrapo
Na esperança de te beijar

Passaram-se muitas luas
Para na janela te chamar
Lonjuras pra aqui estar
Numa entrega de sentimento
Em versos soltos ao vento
Sou eu a me entregar.

Natalício Cavalheiro - intérprete
Décio Fernando Neuls - recitado
Juliano Kleber - contrabaixo
Diego Oliveira - violão
Augusto Carvalho - violoncelo
Henrique Kalkmann - violino

Oferecimento

KAKAU insumos

Chamamé RUA DAS TROPAS

Letra: Alexandre Marek e Odilo Gomes (*in memoriam*)

Melodia: Anderson Marek e Andre Marek

Intérprete: Florisnei Thomaz

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Fiel, o tempo não esquece
as madrugadas dobradas,
em seus silêncios insones,
dura e penosas jornadas,
ao clarão dos pirilampos
no leito de tua estrada.

Rasgadas as tuas entranhas
nas descobertas tropeiras,
leva a honradez das barganhas
em esperanças matreiras,
foi pra servir que nasceste
a gritos de éra éra.

Ó história que escarceias!
Ó tempo que assim galopas!
Tuas veredas outrora cheias
de birivas tocando tropas.
No transcórre de nossa história,
mantêm vivas na memória,
tuas raízes, ó Rua das Tropas.

O tempo te fez avenida
em suas mais justas razões.
És como Pátria definida,
em ti nunca esquecidas
tuas herdadas tradições.

Olhas o tempo passado
onde pachola circulas,
inda trazes bem lembrado
o lerdo trotar de mulas.

Memórias se juntam vivas,

história que nunca acaba,
relembra bravos birivas
em tropas prá Sorocaba.

Ó história que escarceias!
Ó tempo que assim galopas!
Tuas veredas outrora cheias
de birivas tocando tropas.
No transcórre de nossa história,
mantêm vivas na memória,
tuas raízes, ó Rua das Tropas.

E erguido Carazinho,
da jesuítica Santa Tereza.
É ufania de sua gente,
vive progresso crescente,
Searas são tua riqueza.

Florisnei Thomaz - intérprete
Alexandre Marek - dedicação/vocal
Anderson Marek - acordeão/vocal
André Marek - contrabaixo/vocal
Emani de Souza - violão base
Augusto Baschera - violão solo



Oferecimento



Servitec ONLINE
CONTABILIDADE

Vancira ESSA TAL TECNOLOGIA

Letra: Diego Oliveira

Melodia: Diego Oliveira

Intérprete: Diego Oliveira e Jonas Gloeckner Pereira

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

O meu amigo a nossa prosa é
divertida, é engraçada vamos ter
que comentar
O assunto é sobre essa tal
tecnologia
Tem na cidade no campo em todo
lugar

Aqui no rancho a muié colocou wi-fi
Queimou a polenta olhando as
redes sociais
Meu gurizito agora diz que é
youtuber
Mas pro serviço é igual lambari de
açude

**E tem Google, Instagram e Zap
Zap
Tem o Tinder que eu nem sei, e
um tal de Tick tock
É todo mundo na frente do
celular, que até quando a mãe
visita do bichinho não quer largar
E tem dancinha, tem biquinho,
tem carinha
Vivem se sarcoteando só pra
curtidas levar
Mas Deus o livre o vivente sem
bateria, parece égua dando cria
já começa a
reclamar**

O cusco baio já foi lá pro pet shop

Veio faceiro tinha fita no cabelo
Até pra lida ele não quer mais ir
comigo
Esse meu cusco acostumou com
água de cheiro

O meu compadre até coragem ele
criou
Tá namorando começou a me
contar
Foi cutucada foi curtida e coração
Ta esperando a prenda vir pedir sua
mão

Tá diferente eu sei que tá, vou te
falar
E o português é huehue e KKK
E a bergamota já tá vindo
descascada
Se não dá cheiro que que os outros
vão pensar.

Diego Oliveira - intérprete
Jonas Gloeckner Pereira - intérprete
Nilson Siqueira - percussão
Alison Machado - violão
Victor Perini - baixo
Valdir Panazzolo - violão
Neri Neitzke - acordeon
Gustavo Neitzke - acordeon

Oferecimento
GF
AUTOMAÇÃO

Milonga

EM QUERER REMOÇAR

Letra: Carlos Omar Villela Gomes

Melodia: Charlise Bandeira

Intérprete: Flávio Hanssen

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Rosto que é meu, me diz de Deus,
sim...

Versos que guardei e engavetei,
quis.

Traços que risquei pela paixão gris
Meu olhar ganha luz no escuro tão
fundo de mim.

Corpo envelheceu, mas quem sou
eu não.

Velho é o pensar de quem viveu
vão;

Ouçõ uma canção que vem trazer
paz

Pois o velho persiste em querer
remoçar.

O velho disse ao moço: -Vai buscar
o teu lugar.

O moço disse ao velho: -Vou ficar!
E eu, sendo os dois nesta vida,
Sou um velho moço, que ainda quer
lutar!

O velho disse ao moço:- Luta sim!
Por nós, por todo mundo que se
vai.

E eu, sendo os dois nesta vida,
Fui viver... Disse aos dois: -Vamos
lá!

O que se perdeu envelheceu sim,
Mas o que ficou me remoçou mais;
Poeira e solidão no coração não...
Este velho tão moço insiste na vida,
que vem me chamar.

Corpo envelheceu, mas quem sou
eu não.

Velho é o pensar de quem viveu
vão;

Ouçõ uma canção que vem trazer
paz

Pois o velho persiste em querer
remoçar.

Flávio Hanssen - intérprete
Charlise Bandeira - flauta transversal
Carlos de César - contrabaixo
Nilton Júnior da Silveira - piano
João Bosco Ayala - violão aço
Marcelinho Freitas - bateria
Guilherme Goulart - acordeão

Oferecimento



Ingrid Würzius

DENTISTA

Milonga TAPERA ANDANTE

Letra: Diego Guterres

Melodia: Airam Cardoso

Intérprete: Airam Cardoso

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Todo o silêncio debruçado nas canhadas
ganha carícias de um bandoneon
machucado,
que um negro velho faz sonar sobre o
joelho,
à luz da lua, nos arrelhos recostado.

Consome o tempo enamorado com
milongas
tão costumeiras pra o cochilo do
estradeiro:
eterno amigo na sina de varar noites,
que testemunha as gauchadas do
parceiro.

O antigo taita, musiquero dos luares,
emocionado, oferta à noite o sentimento.
Exprime a dor do velho peito tão judiado
com o belo tom que vêm da alma do
instrumento.

Pois, na segura tapereada dos seus
sonhos,
não sobram mais do que caminhos de
botões.
Espera o dia de alçar vôo rumo às luzes
entre os acordes timbrados de ilusões.

Vaga na vida, vivendo num outro mundo,
e a dor sentida extravasa em lindo som.
A estampa rude é o Rio Grande do
passado,
que traz floreado no pulsar do
bandoneon.

Pobre paisano, morador de um chapéu
negro,
deixou seu rancho pra gauderiar pelo
pago,

sem o sustento do ofício de peão
campeiro,
com changa escassa, que às vezes não
paga o trago.

E segue o taura pelas trilhas do vazio,
tapera andante nas campinas dessa
pampa.
Seus dissabores se agrupam bem junto ao
peito,
vertendo ardentes no gargalo de uma
guampa.

Abre o "bandônio", negro velho do Rio
Grande,
tua milonga é o hino dos alçados
que já se foram, mas não sabem tal
segredo,
estão no mundo como brutos aporreados.

Airam Cardoso - intérprete
Guatavo Otzelbergue - violão solo
Higor Extremes - violão solo
Diego Guterres - violão base
João Paulo Deckert - bandoneon
Reinaldo Cardoso - contrabaixo



Oferecimento

MOBILE
PROJETO DOS MÍDIAS

Chamamê PONCHO NEGRO

Letra: André Oliveira

Melodia: Diego Vivian

Intérpretes: Anderson Marques e Márcio Costa

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

A tarde recolhe a graça
Das flores da maçonilha
O campo ganha o sombreado
De um capão de corunilha
E o "pajonal" sarandeando
Vem bordonear as flexilhas

Os flecos do tirador
Contraponteiavam as chilenas
Enquanto o pingo de tiro
Despacha a várzea serena
O céu povoa de lumes

Bordando a pampa morena
Bombeando essas paisagens
Do camarote do arreo
Guardo momentos na alma
Como regalos campeiros
Arquivando nas retinas
Imagens do pastoreio.

**Meu gateado troca orelhas
Mascando o aço do freio
E o mouro ressona as ventas
Se recompondo ao cabresteio
Acumulando energias
Pra sinfonia do arreo.**

Parecem que as estrelas
Apeiam do firmamento
Moldando um xucro clarão

Dos vaga-lumes ao vento
Dando a campeira impressão
Que eu trago a lua nos tentos.

O campo embebido em sonho
Se estendeu pelas canhadas
Embalado ao som noturno
Da seresta da madrugada
Sorvendo apojos de calma

No remanso das aguadas.
O escuro veste a campanha
Com seu grande poncho negro
A cada braça de campo
Um galardão de enlevo
Que ao trote noite a dentro
Vou desvendando segredos.

Anderson Marques - intérprete
Márcio Costa - intérprete
Diego Vivian - violão base
Rafael Alves - violão solo
João Vitor Nunes - gaita botoneira
Michel Nunes - contrabaixo

Oferecimento

**MADEIREIRA
PILGER**

Rasguido-Double
**CORDEONA "ROSA
DOS VENTOS"**

Letra: Douglas Diehl Dias

Melodia: Felipe Corrêa e Trajano Silva

Intérprete: Felipe Corrêa

21ª **SEARA** 
da Canção Brasileira

Acolherei sentimentos
pra te cantar mais um tanto,
que das pedras do teu canto
sempre brotam mananciais.
Entendendo teus sinais...
aprendendo teu idioma...
enxerguei em ti, cordeona,
os quatro pontos cardeais.

Vejo o leste no teclado
que teu som me amanhece
pela mão que te conhece
como o sol, a alvorada.
Te guardei nessa mirada
pra te cantar do meu jeito
vibrando junto do peito
tua voz "apianada"...

Pelas noites galponeiras
que forjaram meu cantar,
na intenção de te florear
pelo tom dos sentimentos
encontrei um argumento
neste altar de telurismo
e crismi o teu batismo:
Cordeona "Rosa dos Ventos".

Teu fole abrindo e fechando
levando o som para frente
é a porteira diferente
onde cruzam melodias
pra dar voz à poesia
no teu canto xucro e forte

que há de buscar um norte
no rastro da estrela guia...

Nos baixos, tua fronteira
demarcando território,
há um fim de tarde simplório
que a mão esquerda anuncia
"sepultando" nostalgias
que nasceram lentamente
e morrem notas poentes
no ocaso das melodias.

Te trago junto do peito
feito um atávico escudo,
que tu, por mim, já diz
tudo no dialeto da canção;
e se perco a direção
o teu canto me reponta
para o sul que sempre aponta
pra onde pulsa o coração!

Felipe Corrêa - intérprete
Trajano Silva - acordeon
Fabiano Corrêa - violão solo
Marcelo Holmes - guitarra
Felipe Bartmann - contrabaixo

Oferecimento

PEROSSATTI
trabalha e organiza com paixão

Milonga FOLHA EM BRANCO

Letra: Otavio Lisboa e Eduardo Muñoz

Melodia: João Bosco Ayaka Rodriguez

Intérprete: Robledo Martins

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

O papel aceita tudo
Verso, desenho ou pintura
A arte copia a gente
Disfarça bem as rasuras...
Tal o fogo tem segredos
Na folha em branco da vela
Minha caneta imagina
O que eu não conto pra ela...

O céu é uma folha em branco
Aos olhos de quem divaga
Dia e noite se toreiam
Um escreve, o outro apaga...
Está na intenção do toso
Onde a tesoura caminha
Nos tentos recém tirados
Quando um trançado se alinha!

A folha é primeira sova
Que escreve em qualquer grafia...
Um potro é todos os outros
Quando uma doma inicia
Tem a moldura da xerga
E estradas da barrigueira
Carrega a marca da estância
Risco de espora e soiteira!

Todas as folhas em branco
Estão ao alcance da mão
Nas ilheiras da cordeona
E no braço de um violão...
Na pele em curva da linda
Mudando o tom que respiro
Nenhum acorde pensado
Vai musicar os suspiros...

No pranto verde do mate
Ou pela vida amassada
Não volta a ser o que era
Pela palavra timbrada
Eu fui uma folha em branco
Antes do primeiro abraço...
E me dei conta que o tempo
É o dono de todo maço!

Robledo Martins - intérprete
João Bosco Ayaka - violão
Everson Mare - violão
Rodrigo Maia - baixo
Nilton Júnior da Silveira - piano
Joaquim Velho - acordeon
Pedro Kalbach - violino

Oferecimento



RUI

SER HUMANO - NOSSA RIQUEZA

Rasguido Double DE ALMAS POBRES

Letra: Valdir Disconzi

Melodia: Zulmar Benitez

Intérpretes: Pirisca Grecco e Lincon Ramos

21ª SEARA
da Canção Brasileira

Dia desses me dei conta,
repassando a memória,
Que os trens de passageiros
foram dos trilhos pra história,
Feito os mestres carreteiros, que
tanto sovaram bois...
Foi correndo atrás do novo, que
o povo esqueceu os dois.

Nos trens, que "cortavam"
campos, as conversas se
estendiam,
Entre estações e paradas,
estranhos se conheciam;
O prazer do reencontro, dos que
há muito não se viam...
...desde amores aos negócios,
esses vagões "entendiam".

**Bastam, hoje, algumas horas
pra transporem continentes,
Os transportes são velozes,
mas as ânsias vão na frente;
Quase ninguém se conhece,
nos prédios de apartamentos,
Passam a vida correndo e
ainda lhes falta tempo;
Parece que essa gente, que já
não sabe o que é calma,
Paga o preço do "sucesso"
com a pobreza da alma.**

Foram tantos bravos homens,
nas carretas rangideiras,
Picaneando bois e sonhos,
amassando barro e poeira,
Mas que às noites, nas
pousadas, reencontravam
parceiros,
Com tempo pra prosa e mates, e
pro arroz-de-carreteiro.

O fim não nos manda aviso, o
bom da vida é o caminho...
Quem faz amigos na estrada,
não envelhece sozinho;
Quem só pensa no amanhã, não
vê que o hoje é um presente,
E esse presente é um regalo,
que só deus concede à gente.

Pirisca Grecco - intérprete
Lincon Ramos - intérprete
Filipe Goulart - violão/vocal
Zulmar Benitez - violão/vocal
Jarbas Nival - gaita botoneira
João Paulo Deckert - bandoneón/vocal
Carlos de César - contrabaixo

Oferecimento

 **ROOS**

O TEMPO E O VENTO

Letra: Rodrigo Bauer

Melodia: Xuxu Nunes, Dionathan Farias e Miguel Marques

Intérpretes: Miguel Marques e Francisco Oliveira

I O Tempo

Venho de antes da primeira estância
antes, até, do que as navegações...
Antes das horas... De qualquer
distância...
Antes da lava levantar vulcões!

Trago milênios nos peçuelos cheios...
Eras maduras a me reciclar...
Vem tanta história nesse meu arreo
que não se cansa de desencilhar!

Eu não descanso, eu não tiro férias!
Nada me atrasa... Nem por piedade...
Descem areias por minhas artérias...
Me chamo tempo, noivo da saudade!

II O Vento

Eu vou soprando pelos meridianos
e campereando tantas coordenadas...
Sou brisa mansa, temporal, minuano;
varrendo as cismas das encruzilhadas!

Eu faço a curva do planeta e sigo
levando sonhos, almas e ideais
que se perderam pra voar comigo,
tais como as tropas que não voltam
mais!

Empurro as portas das taperas frágeis,
sacando o véu das noites sem amor...
O pampa escuta os meus acordes
ágeis...
Eu sou o vento, irmão do corredor!

III O Tempo e o Vento

(Tempo) Eu faço sentar a poeira...
(Vento) Comigo, a poeira levanta!
(Juntos) O tempo acende a boieira
(Juntos) cada vez que o vento canta!

(Juntos) O tempo cinzela a pedra
(Juntos) com a água que lhe
golpeia...

(Juntos) O vento acompanha a
queda,
(Juntos) prevendo novas areias...

(Juntos) O tempo, sóbrio e exato...
(Juntos) O vento, ébrio e pungente
(Juntos) Amarelando o Retrato...
(Juntos) Vagando no Continente...

Miguel Marques - intérprete
Francisco Oliveira - intérprete
Michel Nunes - violão
Dionathan Farias - violão/vocal
Xuxu Nunes - baixo/vocal
Otávio Machado - acordeão



Oferecimento

CDL
Carazinho

Chamarra

UM RESTO DE MADRUGADA

21 ANIVERSÁRIO
da Canção Gaúcha

Letra: Gujo Teixeira

Melodia: Jairo Lambari Fernandes

Intérprete: Jairo Lambari Fernandes

Um resto de madrugada que ainda
pedia pouso
(no parapeito do rancho entre a geada
e o oitão)
Acendeu tocos de velas com sebos de
capão gordo
Depois clareou um acordo, até acordar
o rincão.

Um Buenos dias "saluda", os que
recém calçam botas
Tirando o freio na água, fria e clara da
cacimba
O fogo desperta as brasas na sensatez
em que estava
Talvez por que madrugava, e hay
pouca história ainda.

O que sobrou do silêncio um galo
quebrou no bico
Em clarinadas que a tempos já nos
pega mateando
De pouca prosa e cambona, é um, dois
logo se para
Que o dia meteu a cara num buçal de
sol clareando

Um resto de madrugada
Um mate, dois e mais nada...
Um resto de madrugada
No más é cincha apertada...
Um resto de madrugada
Largo o meu zaino na estrada...

Pelo tropel na mangueira hay pingo
escondendo o toso

Onde a forma dos cavalos, espera freio
e serviço

Os mansos já tem forquilha porque a
invernada se assoma

Os baguais, quem for da doma, que
siga no compromisso.

Nem bem deu asas o inverno, abri as
minhas do poncho

Alçando a perna num zaino, lá onde o
estribo é a razão

Vai pela camba do freio um sentido e
algum segredo

Num rancho de toldo negro com quatro
esteios no chão.

Um resto de madrugada
Um mate, dois e mais nada...

Um resto de madrugada

No más é cincha apertada...

Um resto de madrugada

Largo o meu zaino na estrada...

Jairo Lambari Fernandes - intérprete/violão
Joaquim Velho - acordeão
Felipe Bartmann - contrabaixo
Carlos Moller - violão

Oferecimento

W STORE

Milonga

UM CANTO EM MILONGA PRO MEU CHÃO

Letra: Henrique Fernandes

Melodia: Gabriel Selvage e Cristiano Fantinel

Intérpretes: Adair de Freitas, Juliano Moreno e Ângelo Franco

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Meu canto traz a esperança de um povo
Que lavra a terra, planta o trigo e colhe o pão...
Meu canto traz junto aos tentos dos arreios
Lotes de anseios em fraterna comunhão...

Somos assim... crescemos livres como o pasto
Deixamos rastros de vindouras sementeiras.
Somos canduras de um tempo que guarda a ânsia,
Por ser estância somos fundões e planuras.

É o canto índio que resplandece o que somos,
Pois nossos sonhos sentam recaus no passado...
Nobre legado de transcender em poesia
A geografia e a história do nosso pago.

Somos a sanga serpentiando campo a fora
Lumes de aurora no aço das garroneiras...
Basto e basteira no lombo de um orelhano,
Somos tutano, cernes duro de aroeira...

Somos o vento que valseia e cantarola.
Uva e amora, mel das pitangas costeiras...

Flores rasteiras de algum jardim nativo,
Ferro de estribo onde "empulera" as potreiras!

**Meu canto traz a esperança de um povo
Que lavra a terra, planta o trigo e colhe o pão...
Meu canto traz junto aos tentos dos arreios
Lotes de anseios em fraterna comunhão...**

**É o canto índio que resplandece o que somos,
Pois nossos sonhos sentam recaus no passado...
Nobre legado de transcender em poesia
A geografia e a história do nosso pago.**

Adair de Freitas - intérprete
Juliano Moreno - intérprete
Ângelo Franco - intérprete
Felipe Goulart - violão sete cordas solo/vocal
Matheus Krummenauer - violão solo
Vinícius Ribeiro - violão base/vocal
Rodrigo Rodrigues - guitarra/vocal

Oferecimento
A. COSTA
imóveis

Milonga
REGALO DE CASEIRO

Letra: Hermes Lopes e Jaime Brun Carlos

Melodia: Cassio Figueiró

Intérprete: Vinícios Franco Hoch

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Madrugada inverneira,
Que vem arrepiando o pelo,
chega fazendo sinuêlo
Para o manto branco da geada,
e entre várzeas e cançadas
Se achega e se acarancha e
assim vai abrindo cancha
"pra" outra manhã gelada.

Pelas frestas da janela
As "primas" réstias de sol, vão
formando o o arrebol
Nesta manhã da querência,
dando sentido a existência
De caseiro na fazenda, e,
mesmo longe da prenda
Vou taureando minha vivência.

Mais feliz eu não seria,
Se não vivesse assim
Nesta vida de caseiro
Que deus regalou "pra" mim.

O velho fogão de lenha,
Parceiro de auroras frias, me
acompanha todo o dia
No meu mate madrugueiro, que
me faz menos grongueiro,
Nestes invernos de agosto,
casereando, assim, por gosto
Cuidando campo e terreiro.

Hoje o meu pensamento,
Parece meio encruado, enquanto
campeia o lado
"pra apartá" um desassossego,
é a saudade de um achego
Que na semana passada, me
aquecia emponchada
Entre o pala e os pelegos.

Vinícios Franco Hoch - intérprete
Leonardo Schneider - acordeon
Evandro Zamberlan - violão
Ana Cláudia Rizzato - flauta transversal
Sabari Felipe de Souza - violão

Oferecimento



Searinha Piaçito
CAMINHO DO CAAPI

Compositor: Nilo Bairros de Brum

Edição da Seara: 5ª Edição

Intérprete: Felipe Matos dos Santos

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Caminito missioneiro do vaqueano
guarani
Caminho que foi das tropas
Caminho do caapi
No ventre do Mato Grande, aberto a
fio de machado
Foi rastro da Estrela-guia
Por onde passava o gado
Foi rastro da Estrela-guia
Por onde passava o gado

**Caapi por ti, tanto guarani
Repontando boi, passou por aqui
Caapi que viu o biriva vir
Prá plantar aqui o Carámirim
Caapi por ti, tanto guarani
Repontando boi, passou por aqui
Caapi que viu o biriva vir
Prá plantar aqui o Carámirim**

Caminho que viu o índio
Sumir na poeira da História
Seu grito xucro de aboio
Inda guardas na memória
Na trilha das vacarias
Outro rastro se propaga
Agora tropas de mula
No rumo de Sorocaba
Agora tropas de mula
No rumo de Sorocaba

**Caapi por ti, tanto guarani
Repontando boi, passou por aqui**

**Caapi que viu o biriva vir
Prá plantar aqui o Carámirim**

E o biriva se plantou
Bem na beira do caminho
Que se transformou em rua
Pro povo de Carazinho
E a rua virou avenida
Entre a serra e as missões
Para ver novos tropeiros
Reculutando canções
Para ver novos tropeiros
Reculutando canções.

CARAZINHO
Felipe Matos dos Santos - Intérprete
Carlton Ramos - percussão
Rodrigo dos Santos - violão
Jônatas de Moura - violão

Oferecimento

Rittoli
seguros

Searinha Piaçito
UM MATE POR TI

Compositor: Aparício Silva Rillo/Vinicius Brum/Beto Bollo

Edição da Seara: 11ª Edição

Intérprete: Valentina Mazuí

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Na bomba do mate, ficaram teus
lábios
E um gosto maduro de mel de
mirim...
E se não mateio depois que
partiste,
É que ando triste perdido de
mim...

A bomba é uma pomba de penas
cansadas
E a cuia morena seu ninho vazio
E agora que foste chegou o
inverno
E as águas do mate tiritam de
frio.

Às vezes meus lábios recordam
os beijos
Que a cuia trazia de ti para mim
E o mate de ontem me lembra
Que tudo que é doce a princípio,
se amarga no fim...

Por outras me indago se não
vale a pena
Trocar um capricho por um
chimarrão...
Tomar mais um mate por ti que
levaste
Meus restos de doce na palma
da mão...

QUARAJ
Valia Mazuí - intérprete
Leonardo Schneider - acordeão
Eduardo Saragozo - violão
Marcelinho Freitas - percussão

Oferecimento



RUI

SER HUMANO - NOSSA RIQUEZA

Searinha Piaçito
CHAMAMENTO

Compositor: José Carlos Santos/Élio da Rosa Xavier

Edição da Seara: 2ª Edição

Intérprete: Muriel Guadagnin Kirst

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Sou petição da esperança na
carreira da verdade
Sou a fé do homem do campo
que se foi lá pra cidade
Sou velhas recordações de um
taura assanhado
Chamado pé de valsa riscando
nesse bailado

Sou estória do faz de conta, que
fala da realidade
Sou a boca do minuano
soprando muita saudade
Sou fogo de chão pro gaiteiro
que se agarra sempre ao
passado
Lembrando de muitos bailes,
batendo nesse ponteado

Sou canto do quero-quero, no
chamamento campeiro
Pra manter o atavismo, deste
garrão brasileiro
Sou grito de um peão reponte se
perdendo pela estrada
Sou pedido de um retorno sou
eco de uma chamada.

NÃO-ME-TOQUE

Muriel Guadagnin Kirst - intérprete

Fernando Xavier Pimentel - acordeon

Fabiano Xavier Pimentel - teclado

Vinicius Eduardo de Oliveira Lima - violão

Oferecimento



Plantare
INVESTIMENTOS

Searinha Piaçito LUAS E SEARAS

Compositor: Odilo Gomes/Maurício Silveira

Edição da Seara: Segunda Edição

Intérprete: Júlia Schu

21 SEARA
da Canção Gaúcha

Era um tempo de lua cheia,
No cuidado de quem semeia,
Espantando madrugadas,
Vontades acordadas,
Traziam sonhos e anseios
De plantar caminhos cheios
De andanças seguras

No campo, luas passadas,
Sementes cuidadas
Na verga aberta
A terra desperta
Buscou novos partos,
Agora frutos fartos,
Mostram searas maduras

Em momentos terrenos,
Na quietude do luar
Que o encanto
O poeta canta

Velho luar, tropeiro taita
Que mistérios tu arrancas
Quando solitário tropeias
Teu rebanho de nuvens brancas
Enquanto as sombras cochilam
No silêncio das barrancas

Velho luar, tropeiro taita
Que mistérios tu arrancas
Quando solitário tropeias
Teu rebanho de nuvens brancas
Enquanto as sombras cochilam
No silêncio das barrancas

Virão noites de luas
Em lavrações claras
De grávidas canções nuas
Nascerão outras searas
Enquanto cantando
Inspirados nesta guerra
Gaúchos semearam canções
Madurando searas
Nos motivos da terra

Velho luar, tropeiro taita
Que mistérios tu arrancas
Quando solitário tropeias
Teu rebanho de nuvens brancas
Enquanto as sombras cochilam
No silêncio das barrancas

Velho luar, tropeiro taita
Que mistérios tu arrancas
Quando solitário tropeias
Teu rebanho de nuvens brancas
Enquanto as sombras cochilam
No silêncio das barrancas.

CARAZINHO
Júlia Schu - intérprete
Jones Gbeckner Pereira - violão
Guilherme Sandler - flauta
Christian Abarelo - baixo
Matheus Henrique Flores - teclado

Oferecimento

CS Degalmóveis

Searinha Pia NEM QUE SEJA POR UM DIA

Compositor: Carlos Omar Villela Gomes/Cristiano Quevedo/Nilton Júnior da Silveira
Edição da Seara: 20ª Edição
Intérprete: Bianca Berton Largo

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Ao reviver esta rua
De histórias bem contadas
Trago a saudade mais nua
Despida nessas estradas

Um pedaço do meu mundo
Foi comigo na bagagem
Saudade que fere fundo
Judiou durante a viagem

Meus olhos são labaredas
Jorrando um fogo feroz
Buscando a sede das sedas
E um mundo feito por nós

Os horizontes são lerdos
Pra os raios do meu olhar
E o que há de bom nas veredas
Meus sonhos vão alcançar

Um dia o tempo retorna
Nem que seja por um dia
Ao lugar que o tempo adorna
Como paixão e poesia

À rua da minha infância
À minha terra natal
Onde floresce a esperança
Plantada lá no quintal

Tenho calos das jornadas
Cicatrizes, viração
No cabelo alguma geada
E um potro no coração

Hoje retorno sedento
De um ninho cheio de paz
E encontro todo o alento
No colo manso dos pais

Pois ainda existe um castelo
Nesta rua pequenina
O mais gigante, o mais belo

E o que melhor me destina

Um castelo de coragem
Que me faz ir, mas voltar
Mostrando que a melhor viagem
É a de retorno pra o lar

Um dia o tempo retorna
Nem que seja por um dia
Ao lugar que o tempo adorna
Como paixão e poesia

À rua da minha infância
À minha terra natal
Onde floresce a esperança
Plantada lá no quintal

Um dia o tempo retorna
Nem que seja por um dia
Ao lugar que o tempo adorna
Como paixão e poesia

À rua da minha infância
À minha terra natal
Onde floresce a esperança
Plantada lá no quintal

CONSTANTINA
Bianca Berton Largo - intérprete
Leonardo Schneider - acordeon
Nilton Júnior da Silveira - teclado
Júlio Bosco Ayala Rodrigues - violão
Marcelinho Freitas - percussão

Oferecimento

 GRUPO
FALCON
MONITORAMENTO PATRIMONIAL

Searinha Pia

CADA TEMPO, CADA FLETE

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Compositor: Rômulo Chaves/Matheus Alves

Edição da Seara: 17ª Edição

Intérprete: Gabriel Sabadini Prestes

Hoje o patrão chamou e me ordenou
Botar na forma os potros,
Fui bem despacito a recolher solito
Um após o outro
Com toda paciência
Mostrei a ciência sem dar atropelo
Enquanto pensava no que me
mostrava
O tom de cada pelo.
Um dia fui potrinho qual um doradilho
Na frente escarciando, lembro com
saudeade
Minha pouca idade no patio brincando
Já mais eu pensava que a vida domava
Um homem feito eu...
Que tropeava o tempo sem domar o
tempo
Que me envelheceu

Cada pelo diz o que o campo quis
Mostrar para o campeiro
O jeito da potrada vim da invernada
Em galope faceiro
Tem uma lição nesta vastidão
De formas refletidas
O pelo de um cavalo também é regalo
Pra entender a vida

Veja a potra ruana troteando aragana
A mostrar bom porte
Retoça os demais que ainda são
bagaiais
Num instinto forte
Tem o potro mouro que é flor de crioulo
Sangue da fronteira, faz lembrar da
gente

Quando adolescente a rondar trigueiras
Depois já na forma tudo se conforma
Com a potrada quieta todos tão
altaneiros
Num jeito matreiro, num olhar de alerta
Escolheu o patrão o tostado pinhão
Pra domar pra o filho,
Excelente entendi
Como cheguei aqui já de pelo tordilho

Cada pelo diz o que o campo quis
Mostrar para o campeiro
O jeito da potrada vim da invernada
Em galope faceiro
Tem uma lição nesta vastidão
De formas refletidas
O pelo de um cavalo também é regalo
Pra entender a vida

O pelo de um cavalo também é regalo
Pra entender a vida.

SARANDI
Gabriel Sabadini Prestes - intérprete
Luiz Fernando de Oliveira - violão
Igor Henrique Schmidt - gaita

Oferecimento

 ROOS

Searinha Pia RETRATO DOS MEUS PELEGOS

Compositor: Olgi Zauza Krejci e Piero Ereno

Edição da Seara: 18ª Edição

Intérprete: Natielly Gonçalves

21ª SEARA
da Canção Gaúcha

Uma ovelha branca da mais pura
raça

Pariu dois lindos cordeirinhos
machos

O mais esperto eu deixei com ela
O outro adotei de pronto e criei
guacho.

No dia em que sangraram os dois
borregos

Foi um pouco de mim pois perdi
tudo

Vi o olhar deles a pedir socorro
O meu chorava em desespero
mudo.

Mas ninguém viu e nem ouviu meu
pranto

Só uma rolinha agitou as assas
E em silêncio, todo o Passaredo
Ficou tão triste nos beirais da casa.

Tudo sucumbe ao tempo
transcorrido

E assim se vai, feito a flor da idade
E quem não chora um amor
perdido?

Ou não suspira ante uma
saúde?...

Ainda tenho em mãos os dois
Pelegos

Já que a nenhum coubera melhor
sorte

O criador que o separara em vida
Tragicamente os uniu, na morte.

Quando acampava o relento na
pampa
Sem ter viva alma para ouvir meus
ais
Chorei silente debruçado neles

E o que tivera já não tinha mais.

E ainda tenho um pelego roto
Num galpão antigo que o meu pai
fez

Onde o maninho, que não mais
existe
Engatinhou pela primeira vez.

VITÓRIA DAS MISSÕES
Natielly Gonçalves - intérprete
Leonardo Schneider - acordeão
Nilson Júnior da Silveira - piano
Eduardo Saragozo - violão
Charles Bandeira - flauta transversal
Marcelinho Freitas - bateria

Oferecimento

INCOL
Engates para Reboques
Protetores de Câter

Searinha Pia ENCILHA

Compositor: Evair Suarez Gomez/Juliano Gomes

Edição da Seara: 19ª Edição

Intérprete: Marcelo Hollanda

21ª SEARA
da Canção Brasileira

Com a mão canhota sustente
A pescoceira torcida
O buçal trança de sete
É feito do João Maria
Bamo dar alegria pra o dia
Pode encilhar assoviando
Enquanto vou te alcançando
Os apetrechos da encilha

Primeiro estenda o xergão
Com suas tropilhas de pelos
Da sobra de algum novelo
Teceu a China Ramona
Agora é vez da carona
É couro cru bem sovado
E em muitos pousos de tropa
Já fiz de mesa pro assado

Agora sentemo o basto
Esse é quatro cabeça
Por mais feio que pareça
Tem suas léguas de invernada
E a barrigueira esta atada
Com látego ao travessão
Pode dar mais um tirão
Pra firmar bem essas garras

Estendemos dois pelegos
Pretuscos qual noite escura
E a badana com gravura
De iniciais do seu avô
Esta trama? É o cinchador
Agarrado à sobre-cincha

Redonda qual lua cheia
Que vem dormir sobre a quincha

Faltou a mala de poncho
O rabicho e a peiteira
Mas de todas tuas encilhas
Esta recém é a primeira
Só vamos sampar o freio
Com qualquer uma das mãos
Safa a crina do alazão
Apertada com a testeira

Assim se vamo pra o campo
Eu e tu meu patrãozinho
Esta flor esconde espinho
Esta aqui é o bem-me-quer
Já desfolhei por mulher
Que tanto me virou o rosto
Talvez um dia te conto!
Quem sabe um dia qualquer

CARAZINHO
Marcelo Hollanda - intérprete
Gustavo Neltzke - gaita
Andrei Silva - violão
Mateus Silva - baixo
Yuri Brizola - tapan

Oferecimento
movisa
móveis

Searinha Pia NEM QUE SEJA POR UM DIA

Compositor: Carlos Omar Villela Gomes/Cristiano Queyedo/Nilton Júnior da Silveira

Edição da Seara: 20ª Edição

Intérprete: Emanuelle Corrêa

21ª SEARA
da Canção Brasileira

Ao reviver esta rua
De histórias bem contadas
Trago a saudade mais nua
Despida nessas estradas

Um pedaço do meu mundo
Foi comigo na bagagem
Saudade que fere fundo
Judiou durante a viagem

Meus olhos são labaredas
Jorrando um fogo feroz
Buscando a sede das sedas
E um mundo feito por nós

Os horizontes são lerdos
Pra os raios do meu olhar
E o que há de bom nas veredas
Meus sonhos vão alcançar

Um dia o tempo retorna
Nem que seja por um dia
Ao lugar que o tempo adorna
Como paixão e poesia

À rua da minha infância
À minha terra natal
Onde floresce a esperança
Plantada lá no quintal

Tenho calos das jornadas
Cicatrizes, viração
No cabelo alguma geada
E um potro no coração

Hoje retorno sedento
De um ninho cheio de paz
E encontro todo o alento
No colo manso dos pais

Pois ainda existe um castelo
Nesta rua pequenina
O mais gigante, o mais belo

E o que melhor me destina

Um castelo de coragem
Que me faz ir, mas voltar
Mostrando que a melhor viagem
É a de retorno pra o lar

Um dia o tempo retorna
Nem que seja por um dia
Ao lugar que o tempo adorna
Como paixão e poesia

À rua da minha infância
À minha terra natal
Onde floresce a esperança
Plantada lá no quintal

Um dia o tempo retorna
Nem que seja por um dia
Ao lugar que o tempo adorna
Como paixão e poesia

À rua da minha infância
À minha terra natal
Onde floresce a esperança
Plantada lá no quintal

SANANDUVA
Emanuelle Corrêa - intérprete
Nilton Júnior da Silveira - letrador



Oferecimento



willis

SISTEMA DE AR CONDIÇÕES CONECTIVO

Vencedoras



Melhor canção da Seara da Canção Gaúcha

Melhor canção da linha Nativista

Melhor canção da linha Galponeira

Melhor canção da linha Contemporânea

Melhor tema sobre Carazinho ou Seara

Música mais popular

Campeão Searinha Piaquito

Campeão Searinha Piá

Vencedoras



Melhor letra

Melhor melodia

Melhor intérprete

Melhor instrumentista

Melhor arranjo vocal

Melhor arranjo instrumental

Melhor indumentária



TOQUE NA TELA
E VOTE NA MÚSICA
MAIS POPULAR
(VOCÊ SERÁ DIRECIONADO
AO SITE DA VOTAÇÃO)

APOIO CULTURAL

LABORATÓRIO MUSICAL
Carazinho
em Movimento

 **coqueiros**

Telha
CERTA


FARMÁCIAS
São João

PRODUZA

 **seanet**
TELECOM

 **SM**
CONSTRUÇÕES

Erva Mate
ERECHIM

Oral Unic
IMPLANTES
CARAZINHO

SLC Máquinas



JOHN DEERE

  @searadacancaogaucha

 SearaDaCanção